



## Comienza el foro social en Uruguay-

Decenas de organizaciones sindicales, ecológicas y culturales anunciaron la instalación del Foro Social Uruguay (FSU) para proponer alternativas al neoliberalismo y la globalización. "Somos parte de ese movimiento global que desde la diversidad integra las fuerzas que construyen ya otro mundo posible", dijo el FSU que fue formado por grupos que participaron del Foro Social Mundial realizado este año en la ciudad brasileña de Porto Alegre.

La carta de principios dice que el Foro Social Uruguay está formado por "entidades y movimientos de la sociedad civil que se oponen al neoliberalismo y al dominio del mundo por el capital y por cualquier forma de imperialismo, y están empeñadas en la construcción de una sociedad centrada en el ser humano".

Añade que sus propuestas "se contraponen a un proceso de globalización capitalista comandado por las grandes corporaciones multinacionales y gobiernos e instituciones al servicio de sus intereses".

El organismo sesionará durante tres días desde el viernes y "se constituirá como un gran foro de la sociedad civil", dijeron los organizadores.

Las actividades abarcan debates sobre educación para la micro y macro economía, trabajo, conflictos sociales, trabajo infantil, y cuestiones ambientales. (*El Observador*, 15/11/02)

## Agora é a vez do Fórum Social Europeu

### **Boaventura de Sousa Santos**

*O objetivo é difundir o Fórum Social Mundial e sua carta de princípios nas diversas regiões do mundo e propiciar aos movimentos sociais uma discussão mais sistemática dos temas do encontro.*

Na próxima semana acontece em Florença (Itália) o primeiro Fórum Social Europeu (FSE). A sua realização, como a de outros fóruns regionais (africano, asiático, das Américas), foi proposta no segundo Fórum Social Mundial (FSM), em Porto Alegre em fevereiro passado, com o duplo objetivo de aprofundar o conhecimento do FSM e da sua carta de princípios nas diferentes regiões do mundo e propiciar aos movimentos sociais – mobilizados em redor dos problemas específicos de cada região – uma contribuição mais sistemática para as temáticas discutidas no terceiro FSM que se realiza na capital gaúcha no fim de janeiro próximo.

O FSE realiza-se num momento internacional, em geral, sombrio mas contraditório. O seu lado negro, de longe dominante, é a nova onda militarista que ameaça pôr o mundo a ferro e fogo. É uma estratégia compensatória desenhada pela administração Bush para alimentar, com a "economia de guerra", a hegemonia do capitalismo neoliberal global no momento em que os instrumentos convencionais da "economia de paz" não parecem ser suficientes para relançar a economia mundial.

Para esta estratégia, é fundamental reduzir as reivindicações de justiça social dos grupos sociais oprimidos à condição de motivações e práticas potencialmente terroristas, e fazer com que esta lógica seja adaptada por líderes-satélites, sejam eles Sharon ou Putin. Em seu lado claro, o mundo revê-se esta semana na brilhante vitória de Lula no Brasil e, com ela, a esperança de que a democracia seja mais forte que o neoliberalismo.

O FSE é um fórum de cidadãos e de movimentos sociais que visa responsabilizar os governos europeus pelo "esquecimento" clamoroso de dois pilares do patrimônio comum europeu dos últimos cinquenta anos. O primeiro pilar é a tensão permanente entre democracia e capitalismo que permitiu combinar, contrariamente ao modelo norte-americano, competitividade com altos níveis de proteção social, e consolidar um modelo de democracia com alguma capacidade redistributiva, capaz de garantir os direitos económicos e sociais dos trabalhadores e das classes médias pela promoção de interações não mercantis entre os cidadãos (sistemas públicos de

segurança social, saúde, educação, transporte). Este modelo pecou por ser tímido mas, em vez de ser aprofundado, tem sido esquecido nas duas últimas décadas. De repente, tornou-se “evidente” que só o modelo de capitalismo norte-americano era exportável mundialmente e que, portanto, o modelo europeu nem sequer no continente seria sustentável. É contra esta evidência e contra este esquecimento que se deve entender a vitória de Lula. O líder petista ganhou o coração dos brasileiros com um programa político baseado no modelo europeu.

O segundo “esquecimento” da Europa dos Estados diz respeito à promoção da paz. A Europa é, nos tempos modernos, o continente mais violento, não só pela sua própria violência – desde a guerra dos trinta anos (1618-1648), em que morreu metade da população da Alemanha de então, até às duas guerras mundiais – como pela violência que infligiu aos povos que estiveram sob o seu jugo colonial. Talvez, por isso, no últimos cinquenta anos a Europa foi promotora de soluções pacíficas e defensora do direito internacional. Este património está a ser ativamente esquecido pelo modo como a Europa se verga aos desígnios belicistas de Washington.

O FSE pretende que os cidadãos e os movimentos sociais recuperem este duplo património esquecido pela classe política. É por isso que os grandes temas a serem debatidos são o neoliberalismo, a paz, os direitos dos cidadãos e o aprofundamento da democracia.

---

\***Boaventura de Sousa Santos** é sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal)

## Globalizar todas as formas de contestar

**Erika Campelo**

*Sem dúvida um outro mundo é possível, mas o problema é saber como sair das análises para propor alternativas concretas para um projeto mais justo e mais humano?*

O primeiro Fórum Social Europeu aconteceu entre os dias 6 e 10 de novembro em Florença. A idéia de fóruns regionais nasceu em Porto Alegre, no II Fórum Social Mundial (FSM) em fevereiro de 2002. O objetivo é dar continuidade aos debates do FSM em níveis mais regionais e preparar assim as discussões apresentadas no próximo encontro no Brasil, de 23 a 28 de janeiro de 2003.

Um modelo econômico mais justo, direito de imigrantes, alimentos transgênicos e o papel dos meios de comunicação foram tratados no fórum, que promoveu uma série de debates sobre aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais ligados a globalização.

Para sua primeira edição o Fórum de Florença atraiu 35 mil pessoas, vindas de todas as partes da Europa e de outros continentes. A grande maioria de jovens -- interessados em mudar o rumo do continente europeu -- onde, nos últimos anos, os principais países passaram a ser governados pela direita e se viu uma importante ascensão da extrema-direita nas nestas últimas eleições.

Estes quatro dias de encontro foram marcados pela consolidação das forças políticas. A diversidade de atores presentes em Florença provou isto. Eram grupos ecológicos, movimentos de mulheres, sindicatos de diferentes tendências. “É neste momento que podemos, enquanto sociedade civil organizada, construir novas formas de ação política”, afirmou Cândido Grzybowski, diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).

### **Discussões do Fórum: o caminho para alternativas concretas**

Os debates do Fórum Social Europeu trataram da parceria entre setor público e privado, privatização dos recursos naturais ou a crise da democracia representativa. Uma das diversas alternativas propostas foi unânime: em um mundo onde o capital financeiro é globalizado, é necessário e urgente globalizar as formas de contestar e encontrar soluções conjuntas para apontar outras direções.

O colombiano, Pedro Santana, presidente da ONG, Viva la Ciudadan diz acreditar nessa proposta. “É só através destes fóruns que encontraremos soluções para um novo mundo. Pois, em 20 anos de sistema neoliberal na América Latina a redistribuição de riqueza ficou ainda mais injusta e o aumento da pobreza é alarmante.” Já para o francês, Philippe Scalvini do Movimento

das Cooperativas Europeias (Cecop) "o modelo de cooperativa pode contribuir para um mundo com bases mais sólidas consolidando uma economia solidária e sustentável".

Um exemplo da globalização dos movimentos sociais é a cidade de Grottammare na Itália, onde o prefeito há oito anos adotou o orçamento participativo. "A democracia participativa não é uma técnica que pode ser passada, cada caso é único, mas a experiência de Porto Alegre foi fundamental para nós" explica o prefeito Massimo Rossi. "É uma primeira experiência na Itália, mas que já provou que pode dar certo", afirma o prefeito de Florença, R. Dominici.

A parceria entre o estado e empresas privadas, não só na Europa, mas também em outros países, suscitou atenção dos participantes do Fórum. O problema desta parceria é não haver nenhum controle dos recursos investidos pelo estado. "As empresas utilizam o dinheiro público para concretizar o projeto e depois o contribuinte paga para poder dispor do serviço, quer dizer que ele paga duas vezes", diz Vandana Shiva, fundadora do movimento Navdanya, pela defesa da biodiversidade e dos agricultores (Índia). Um bom exemplo disto é o fornecimento de água, em Nova Deli, onde o projeto de uma barragem foi financiado pelo governo indiano, mas a gerência ficou por conta de uma multinacional. "A Cúpula de Johannesburgo mostrou que vivemos em um mundo onde as multinacionais são mais fortes que os governos. A Cúpula foi um atraso em relação às conquistas feitas na Rio 92", continua Vandana. O lobby das grandes empresas internacionais impediu um avanço em relação as questões ambientais, mas isto só foi possível graças ao apoio dado pelo governo americano a estas companhias.

Outro debate importante ligado ao papel do Estado é a crise da democracia representativa. Segundo Paul Ginsborg, professor da universidade de Florença. Para ele, três fatores são importantes por compreendê-la, "primeiro, as eleições estão cada vez mais caras e por isso precisam cada vez mais dinheiro para o financiamento; segundo o controle dos meios de comunicação por uma elite, no caso da Itália é o presidente Silvio Berlusconi; e o terceiro fator é o declínio da sociedade civil, não existe mais um interesse pela política, ela se tornou sinônimo de corrupção". O reflexo foi sentido nas últimas eleições em diferentes países europeus, onde houve um importante aumento do número de abstenções. "Temos que repensar a democracia, mudar a relação entre sociedade civil e políticos. Ela deve ser horizontal, as decisões não devem vir de cima", explica Paul Ginsborg.

#### **Quais são as expectativas políticas?**

Dos slogans anti-mundialização já conhecidos do Fórum de Porto Alegre, o que mais podia ser visto em todos os panfletos, jornais distribuídos ou nos cartazes, era a frase "Um Outro Mundo é Possível", sem dúvida, mas o problema é saber como sair das análises, das constatações nas discussões para propor alternativas concretas de mundo mais justo e mais humano? Os debates do Fórum mostraram ser necessário encontrar uma nova forma de democracia, na qual as decisões deverão ser tomadas em diferentes níveis, começando pelo local. É preciso pensar em uma nova forma de participação política. Só através de uma política de proximidade, na qual o cidadão consciente tem poder de decidir "é que poderemos controlar nossos recursos naturais, nossa economia, saúde e não deixá-los nas mãos de alguns governantes e de multinacionais". Estas reflexões são pertinentes, porém resta saber, e depois? No final do encontro de que maneira os participantes do Fórum darão continuidade a estes debates? Fóruns como este, enquanto espaço de discussão, reflexão e troca de experiências, são válidos. Mas não existem enquanto esfera de decisão.

---

\***Erika Campelo** *É jornalista e reside há cinco anos na França- Carta Maior, 13/11/02*

**Para ler mais notícias sindicais consulte a pagina [www.sindicatomercosul.com.br](http://www.sindicatomercosul.com.br)  
Para se comunicar conosco escreva a [msilvia@uol.com.br](mailto:msilvia@uol.com.br)**